

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (FEVEREIRO 2016)

Com base na amostra representativa da IACA (19 empresas, com um peso de 78% da produção associada), constata-se, em **fevereiro de 2016**, uma produção de 178 832 tons contra as 169 178 tons produzidas em fevereiro de 2015, o que representa uma subida de 5.7% face ao período homólogo do ano anterior. Esta evolução ficou a dever-se a um crescimento em todas as espécies animais, com destaque para a alta nos alimentos para aves (8.9%), por oposição à relativa estabilidade (1.0%) nos alimentos para bovinos. É evidente que para este resultado muito contribui a diferença de número de dias de fabrico em fevereiro (20 dias, contra os 19 de 2015), como aliás tinha acontecido em janeiro, nessa altura com menos dias em 2016.

Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Amostra Representativa)

	Toneladas		
	Fevereiro 2015	Fevereiro 2016	Variação (%)
AVES	75 608	82 304	8.9
BOVINOS	38 949	39 334	1.0
SUINOS	43 711	46 140	5.6
OUTROS	10 910	11 054	1.3
TOTAL	169 178	178 832	5.7

Os primeiros dois meses do ano, com igual número de dias (40) mostram uma tendência de subida global (1.4%) e, provavelmente, apesar de ainda ser muito cedo, o que pode vir a marcar todo o ano de 2016 e que já tínhamos referido na análise dos dados anuais do ano passado: que seria expectável, devido á crise nos setores do leite e carne de porco, uma redução da produção de alimentos nestes segmentos, devido a uma previsível quebra nas produções de leite e carne, por abandono da atividade e/ou redução de efetivos. De momento, até que a crise possa ser ultrapassada, com medidas nos principais Estados-membros que vão demorar algum tempo até que seja possível equilibrar a oferta ao consumo, só possível pelo aumento das exportações porque os consumos europeus, muito altos, dão pouca margem de manobra, é preferível reduzir produções na perspetiva de se atingirem melhores preços de mercado. Seria uma forma de aliviar a pressão para países como o nosso, mais vulneráveis e com problemas orçamentais. Apesar de se considerar que esta crise é um problema europeu e por isso, só será debelada com uma solução europeia, o certo é que existe a tentativa de alguns países quererem avançar com medidas nacionais que devem ser contidas em parâmetros que não criem maiores distorções de concorrência.

As medidas mais eficazes seriam de facto o levantamento do embargo russo e a tomada de medidas junto da grande distribuição para colocar um ponto final numa relação de abusos, denunciados, provados e comprovados, mas aparentemente ignorados, pelas autoridades, nacionais e comunitárias. O fim das promoções sistemáticas seria um sinal muito positivo nesta destruição de valor que não beneficia certamente o País. Nem os consumidores...

Sabemos que o Governo português está apostado no levantamento do embargo à Rússia (sanitário) e que a rotulagem (assegurando o cumprimento da Lei) pode ajudar na estratégia de comunicação dos produtos nacionais junto dos consumidores. Temos

ainda uma linha de crédito de alguns milhões de € (20 milhões) e isenções de pagamentos à segurança social. O desmantelamento do aparelho produtivo (leite e carne) não serão opções em Portugal, o que se saúda, mas é preocupante saber que as perspetivas apontam ainda, em 2016, para crescimentos nas produções europeias, de leite e de carne. Temos ainda outros sinais de que os preços poderão melhorar no segundo semestre mas os danos (e o desespero) são evidentes. Nos últimos dias, com os atentados em Bruxelas, a agenda política passou a ter outras preocupações, a segurança, que, a par da crise dos refugiados (questões interligadas) condicionam seguramente as opções de conter a crise da pecuária, até pelas limitações orçamentais. Bruxelas manifesta uma grande ofensiva diplomática, com ações para a China e Japão, o que tende a ser positivo mas o (mais) importante é o Setor poder contar com a cumplicidade e apoio do Governo português e um entendimento em toda a Fileira. O melhor sinal poderia ser dado – para todos os Setores – com alguma medida de contenção nas práticas da grande distribuição, como aconteceu em França. Limitar as promoções seria uma violação das regras da concorrência?

Produzir com custos superiores aos preços de venda não é, seguramente, uma opção que viabilize a produção nacional!

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2014	2015	2016	VAR% 2016/15
JANEIRO	190 285	183 315	178 747	-2.5
FEVEREIRO	169 253	169 178	178 832	5.7
MARÇO	180 561	194 134		
ABRIL	185 747	192 758		
MAIO	187 486	179 461		
JUNHO	182 590	190 011		
JULHO	201 080	200 223		
AGOSTO	185 549	185 464		
SETEMBRO	186 769	192 131		
OUTUBRO	197 241	201 266		
NOVEMBRO	175 891	190 301		
DEZEMBRO	194 427	197 143		
TOTAL	2 236 879	2 275 385	357 579	1.4

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos

(Valores Acumulados)

Toneladas

	Jan-Fev 2015	Jan-Fev 2016	Varição (%)
AVES	155 598	162 818	4.6
BOVINOS	81 144	79 415	-2.1
SUINOS	93 331	92 790	-0.6
OUTROS	22 420	22 556	0.6
TOTAL	352 493	357 579	1.4

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2015	2016	2015	2016	2015	2016	2015	2016
JANEIRO	80	81	42	40	50	47	12	12
FEVEREIRO	76	82	39	39	44	46	11	11
MARÇO	90		44		48		12	
ABRIL	90		43		48		11	
MAIO	87		35		47		11	
JUNHO	92		41		46		11	
JULHO	96		45		48		11	
AGOSTO	88		42		45		10	
SETEMBRO	88		44		49		10	
OUTUBRO	91		47		51		11	
NOVEMBRO	87		43		49		11	
DEZEMBRO	86		46		53		11	
TOTAL	1 051	163	511	79	578	93	132	23

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Por outro lado, considerando as empresas que integram esta nossa base de monitorização mensal, são 10 as que melhoram a produção face ao ano transato, representando 60.6% de quota de mercado, contra os 55.6% de 2015, o que significa uma tendência de relativo aumento na concentração da atividade, aliás na linha dos últimos anos. No que respeita ao chamado **“mercado livre”**, registou-se, em fevereiro, um incremento de 2.8%, com um acumulado de -1.0% no conjunto dos 2 primeiros meses, diretamente ligado à redução nos bovinos. Apesar das dificuldades e da acentuada concorrência, este segmento continua bastante resiliente, com um peso dentro da amostra de 36.3% em 2016, contra os 37.2% de 2015.

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se entre os 0.80 e 0.85 €/kg de peso vivo (1.20 €/kg carcaça nos mercados grossistas), o peru nos 2.30 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.73 e 0.75 €/kg, com tendência de estabilidade. Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma manutenção em todas as categorias e classificações, com grandes dificuldades no escoamento das vacas. No **leite**, os dados disponíveis mostram uma situação difícil, com preços na linha dos que já aqui apresentámos, não se prevendo alterações significativas no curto prazo. Nos **suínos**, não se realizou a sessão da bolsa de 24 de março, existindo sinais de preços estáveis mas em baixa. Com a Comissão a balançar entre as pressões para o protecionismo e uma visão mais liberal, e a dar forma à decisão sobre o famoso artigo 222º da PAC (gestão da oferta voluntária), sem o recurso às reservas de crise, aqui ficam as medidas anunciadas pelo Ministro Capoulas Santos para enfrentar uma crise que é de todos, também da Indústria, esgotada a sua capacidade de financiamento da Pecuária: diminuição em 50% das contribuições para a Segurança Social até ao final de 2016; Linha de crédito para efeitos de tesouraria, 3 anos, e para desendividamento, 6 anos com 1 ano de carência, de 20 milhões de Euros; Publicação de legislação no âmbito da rotulagem obrigatória de origem, nas carnes; Intensificação da fiscalização em toda a fileira; Prolongamento do diploma RERAE até Janeiro de 2017 (regime especial de regularização). Aguardam-se mais detalhes.